

OS NOVOS RUMOS DA PÓS-GRADUAÇÃO E A BUSCA POR APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

Sandra Marcondes¹

A graduação no Brasil tem sido alvo de questionamentos e a busca por cursos de pós-graduação para aprimoramento profissional, com vistas à melhor inserção no mercado de trabalho é cada vez mais comum. Repensar a formação superior de modo a situar melhor esta problemática parece necessário.

A década de 1990 foi marcada por profunda transformação no ensino superior do Brasil, tendo como principais características a implementação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e a política de incentivo à universalização do ensino superior do país. A principal consequência das referidas transformações foi o crescimento acentuado do número de cursos superiores (notadamente aqueles relacionados às instituições privadas) e de alunos matriculados.¹

As políticas públicas de acesso ao ensino superior existentes no Brasil e seus principais desdobramentos para inclusão profissional estão focadas no ingresso e ascensão no mundo do trabalho. Houve a implantação do Programa Universidade para Todos (ProUni), pelo Governo Federal com levantamento das políticas anteriormente propostas, do Programa de Crédito Educativo (CREDUC) e Programa de Financiamento Estudantil (FIES), com foco na população de baixa renda.²

Em 2013, o Censo da Educação Superior, divulgado pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) registrou 7.305.977 estudantes matriculados em instituições de ensino superior. Somando-se os estudantes de pós-graduação *scritto sensu* (mestrado e doutorado), eram 7.526.681 matriculados¹. Os dados confirmam a tendência de crescimento no número de estudantes nas universidades, instituições e docentes nesta etapa de ensino. Houve aumento de 3,8% em relação a 2012 na quantidade de estudantes inscritos no ensino superior, sendo 1,9% na rede pública e 4,5% na rede privada.¹

A primeira questão que aqui se coloca é a grande oferta de instituições de ensino particulares. A crescente demanda despertou competições de mercado e, em consequência, disputa de preços; as instituições mais procuradas são aquelas que apresentam menor preço, independente de padrões de qualidade.

No entanto, desconsiderar a qualidade fragiliza o ensino, superficializando a abordagem, resultando em graduandos despreparados, que sentem-se inseguros e temerosos quanto à seus futuros empregos. Processou-se, assim, a queda gradativa da qualidade do ensino – massacrado pela massificação universitária.³

¹ Enfermeira. Mestranda do Programa de Mestrado e Doutorado em Enfermagem da Universidade Guarulhos. Docente da Faculdade Módulo- Caraguatatuba.

O problema da baixa qualificação do graduando traduz-se de maneira diversificada e profunda no ensino pós-graduado. O mercado de trabalho, percebendo o *déficit* de formação, seleciona melhor os seus interessados, exigindo cursos de pós-graduação específicos para a área de trabalho afim. Cria-se, então, uma troca de interesses – o graduando com sua necessidade de saber e o mercado com a busca de quem sabe.

Passou-se a buscar a pós-graduação não somente porque o profissional se identifica com o assunto, mas principalmente pela insegurança de atuação e pela disputa no trabalho. Com a formação facilitada há um comércio, pois, a oferta é farta, e os empregos, por sua vez, são poucos para a grande demanda.

Mas uma questão emerge – será que a pós-graduação sana de fato essa questão? Será que traz a segurança de que o graduado busca e a formação que o mercado de trabalho exige? Parece que não. A especialização tem se mostrado uma repetição da graduação, com cada vez mais oferta de cursos, presenciais e à distância, a preços acessíveis e com qualidade questionável. Profissionais recebem o título de especialista em determinada área sem, de fato, ter expertise no assunto.

Sem dúvida, há grande contradição no sistema educacional brasileiro, em que se consegue operacionalizar a disjunção entre programas de pós-graduação *stricto sensu* considerados excelentes e, ao seu redor, sofríveis cursos de graduação e especialização.⁴

E como aproximar estas duas realidades, para que o ensino superior e seu aprimoramento *lato sensu* se tornem eficazes? Deve-se pensar em novas diretrizes, que considerem a qualidade e a eficácia do ensino. Buscar novos horizontes nos quais haja, de fato, associação teórico-prática e aproximação entre os distintos níveis de formação. Utopia? Creio que não. É preciso acreditar a buscar meios para que, em um futuro próximo, o profissional graduado ou pós-graduado esteja bem preparado para as demandas do mercado de trabalho, seja respeitado e valorizado como verdadeiro “depositor de saber”, com anseios e expectativas profissionais alcançadas e, ainda, que seu saber e prática caminhem juntos, empreendendo e surpreendendo a ciência e a arte do saber fazer.

REFERÊNCIAS:

- 1-Brasil. Ministério da Educação. Portal Brasil. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/09/ensino-superior-registra-mais-de-7-3-milhoes-de-estudantes>. [acesso 30.novembro.2015]
- 2-Santos AP, Cerqueira EA. Ensino superior: trajetória histórica e políticas recentes. Anais do IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Santa Catarina: 2004.
- 3-Galvão MCGC. Reflexões sobre as atividades de orientação em pós-graduação. Rev. ANPEGE 2007. 3:3-16.
- 4-Castro LR. Privatização, especialização e individualização: um outro mundo (acadêmico) é possível?. Rev Psicologia & Sociedade 2010. 22(3): 622-27.